



A MATERIALIDADE DOS OBJETOS CULTURAIS E AS TRANSFORMAÇÕES DOS MUSEUS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

THE MATERIALITY OF CULTURAL OBJECTS AND THE TRANSFORMATION OF MUSEUMS IN CONTEMPORARY SOCIETY

Amanda Rodrigues da Cunha, Mestranda, Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: amanda.rcunha@ufpe.br

Ana Carolina de Moraes Andrade Barbosa, Doutora, Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: anacarolina.barbosa@ufpe.br

Virgínia Pereira Cavalcanti, Doutora, Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: virginia.cavalcanti@ufpe.br

Resumo

O museu como símbolo de materialidade proporciona interpretações sobre os objetos e seus significados que se tornam palco mediador nas articulações da memória entre o passado e presente. Assim, este artigo tratou de um ensaio com uma abordagem teórico conceitual de natureza qualitativa, baseando-se em uma análise crítica sobre a materialidade cultural dos objetos pessoais, espaço físico e urbano, diante das reflexões dos antropólogos Peter Stallybrass, Tim Ingold e Cristina Freire, a partir dessas articulações, analisa-se a ressignificação da materialidade cultural e sua aplicação no espaço museológico. Dessa forma, este ensaio tem como objetivo propor uma reflexão sobre os impactos da modernidade no âmbito dos museus como lugares de memória na cidade, buscando reforçar os novos caminhos do design para a sustentabilidade da cultura material.

Palavras-chave: Museu; Modernidade; Design; Materialidade; Cultura Material.

Abstract

The museum as a symbol of materiality provides interpretations of objects and their meanings that become a mediating stage in the articulations of memory between the past and the present. Thus, this article is an essay with a theoretical conceptual approach of a qualitative nature, based on a critical analysis of the cultural materiality of personal objects, physical and urban space, based on the reflections of anthropologists Peter Stallybrass, Tim Ingold and Cristina Freire, from these articulations, the resignification of cultural materiality and its application in the museum space is analyzed. In this way, this essay aims to propose a reflection on the impacts of modernity in the context of museums as places of memory in the city, seeking to reinforce the new paths of design for the sustainability of material culture.

Keywords: Museum; Modernity; Design; Materiality; Material Culture.



1. Introdução

Os museus, como instituições voltadas à educação e à promoção do conhecimento social, têm a missão de preservar a materialidade cultural. Conforme definido pelo Conselho Internacional dos Museus (ICOM), eles exibem narrativas sobre a evolução das cidades, contribuindo para a formação do indivíduo sobre sua história, ao fortalecer a memória na sociedade contemporânea. A memória, por sua vez, não é algo estático, ela é vista como, uma linha dinâmica e complexa, que se articula através de narrativas visíveis e invisíveis, onde os objetos se tornam veículos para sua construção, pois, carregam significados, valores e práticas que conectam entre o tempo e o espaço.

A construção histórica dos objetos contribui para dissipar o conhecimento sobre os aspectos culturais, no âmbito das ciências sociais aplicadas, em que o design se apresenta como meio para traduzir a materialidade, relevando sua subjetividade e proporcionar recursos para preservação da cultura material. Para Cardoso (1998), o Design exhibe a maneira como os objetos acrescentam o valor simbólico, à mera existência concreta dos artefatos, ou seja, lhe permitem dar vida às coisas, divinizando o que não é humano e introduzindo na sociedade. Assim, Lobach (2001), defende que esse sistema de atribuir valor e significados aos produtos, é reconhecido como simbolismo dos objetos, em que as relações e experiências estão conectadas aos valores pessoais e afetivos, presentes na cultura e contexto histórico.

Nessa relação entre museu e materialidade, a arte se infiltra de maneira diversificada, que para Benjamin (1955), ela transforma os espaços como praças, ruas e edifícios em objetos de arte a céu aberto. Diante disso, a arte vai além de um objeto de contemplação artística no espaço museológico. Ela é amplamente disseminada ao contribuir como um meio de reflexão e crítica social, com base na sua reprodutibilidade. Como defende Gibson (1979), na ausência dos produtos, o ambiente passa a ter uma compreensão de deserto, ou seja, para ele a “móvel da terra é o que a torna habitável” Gibson (1979, p. 78).

Diante dessa perspectiva, é importante construir uma reflexão sobre a materialidade dos objetos culturais e sua preservação a partir dos impactos da modernidade, enquanto espaço museológico. Portanto, este ensaio teórico se baseia em três autores principais, sendo eles, Stallybrass (2008), Ingold (2012) e Freire (1997), onde, todos tratam a materialidade dos objetos com abordagens distintas, ao mesmo tempo, em que os significados se correlacionam, entre os parâmetros pessoais, espaço físico e urbano.

Stallybrass (2008), se aprofunda no quesito dos objetos pessoais, dialogando sobre a interação na transformação social, a partir da sua obra “O casaco de Marx”. Já, Ingold (2012), se debruça sobre a experiência humana com os objetos físicos e a percepção espacial, nos ambientes como um lugar de encontro, onde as histórias se constroem a partir dos significados das coisas e objetos. Por fim, a reflexão de Freire (1997), na perspectiva da memória histórica dos objetos nas cidades, que ao se conectar com os impactos da modernidade moldou a forma de consumir e compreender a cultura material.

Com base nas reflexões dos antropólogos, o objetivo principal deste ensaio se permeia a partir da compreensão da materialidade nos museus enquanto espaços de memória nas cidades e os impactos da modernidade. Assim, buscando reforçar novos caminhos através do design como ferramenta para a sustentabilidade da cultura material.



2. A materialidade dos objetos culturais para Peter Stallybrass, Tim Ingold e Cristina Freire

A cultura material conforme Miller (2007), apresenta duas interpretações teóricas, em que a primeira foca na produção marxista, e a outra, no consumo de massa. Dessa forma, compreende-se, que os objetos culturais cristalizam seus significados provenientes das nuances de sua materialidade. Para Karl Marx, em meados do século XX, o materialismo histórico advém do trabalho social, que relaciona as pessoas e a natureza, como a sociedade e a história, diante da apropriação, objetificação e fetichismo da mercadoria. Assim, o marxismo defende que a materialidade envolve todos os elementos, que após sua produção exerce o poder de venda e compra, pois, os objetos tornam-se uma mercadoria com valor de troca.

Nessa linha marxista, Stallybrass (2008), apresenta a roupa como um objeto físico que concentra o poder da sua materialidade na relação com a sociedade, ele explica, que os donos de penhores só aceitavam roupas que valesse algo. Em sua obra “O caso de Marx”, Stallybrass (2008), trata o casaco como um objeto pessoal que é visto como uma mercadoria de troca, onde, o artefato surge para desaparecer, apropriando-se de um valor suprassensível.

O casaco, que servia para Marx ter acesso ao Museu Britânico, entrava e saía das casas de penhores, transformando-se em um objeto que era esvaziado da sua função útil. Segundo Stallybrass (2008), ao abstrair o valor de uso do produto, as qualidades sensoriais são apagadas e ocorre o processo de desnudo da memória. Dessa forma o artefato pode torna-se novamente uma mercadoria. O autor ainda destaca que as coisas obtêm uma vida própria ao longo do seu uso, o material absorve significados simbólicos, que incorporam a memória nas relações sociais, adquirindo valores além do materialismo.

Segundo Carlos (2016), o materialismo na literatura se permeia pela ação duradoura em que a cultura de mercadorias contagia as pessoas. Para Miller (2007), se trata de um sistema simbólico que proporciona a visibilidade humana nos padrões impostos pela sociedade em relação aos bens materiais. Como afirma Cosgrove (1978), “as ideias humanas moldam a paisagem, as intenções humanas criam e mantêm lugares, mas a nossa experiência no espaço e no lugar propriamente molda as ideias humanas” Cosgrove (1978, p. 66).

Nessa lógica de materialidade, o antropólogo Tim Ingold, a trata como um fluxo de coisas, no seu estudo “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”, ele associa a uma divisão entre matéria e forma, em que a materialidade se reproduz antes de ser discutida. Para Ingold (2012), na literatura os “teóricos insiste em um mundo material que não é passivamente aos desígnios humanos” Ingold (2012, p.35), isso permite com que a cultura material se baseia na expressão contemporânea do hilemorfismo matéria e forma, onde a sua compreensão parte da atribuição aos objetos. Entretanto, o hilemorfismo é alvo de várias críticas, como, por exemplo, a de Gilbert Simondon, em que Ingold (2012), se posiciona contrário às suas deduções que aborda a origem das coisas a uma redução imposta das formas abstratas da matéria.

Dessa forma, o autor compara a materialidade a uma descendência hilemórfica com conjunto de coisas misturadas em variáveis combinações, Ingold (2012), a compreende como um emaranhado de coisas, em um sentido preciso, não como uma rede de conexões, mas uma malha de linhas que se entrelaçam em movimento enquanto crescem num processo de transformação sem fim. No ponto de vista dos objetos que incorporam o ambiente, Ingold



(2012), ressalta que as coisas se movem, possuem vida, porque “não foram reduzidas ao mero estado de um objeto” Ingold (2012, p.34).

No entanto, os artefatos são vistos como peças que traduzem uma carga de significados ao permear os ambientes que os compõem, como, por exemplo, Ingold (2012), ressalta, o seu escritório cercado por “artefatos de todos os tipos, ao imaginar por um instante que cada um desses objetos desapareceu, deixando apenas o vazio” Ingold (2012, p.27), pode-se concluir que o lugar se torna praticamente inabitável, sem significados. Do ambiente interno, o autor propõe uma volta pelo espaço ao ar livre, mas precisamente no meio de uma mata que cercada por troncos e galhos, nessa linha de raciocínio, destaca-se a casca de uma árvore, levando a árvore ser vista não como um objeto, mas como um agregado de fios vitais.

Dessa forma, Ingold (2012) associa os objetos a um fato consumado diante das pessoas, transcendendo suas superfícies externas e antes de ganharem suas funções nos espaços, eles são coisas retiradas de sua função usual, que depende de uma troca contínua de materiais. Para Rabelo (2009), a questão da materialidade presente nos artefatos conduz um olhar para amplos espaços vazios, o que faz as pessoas perderem contato com a sociedade que o habitam. Nisso, Ingold (2012), adentra sobre a perspectiva do ser humano que está imerso no mundo material, ou seja, a percepção de um mundo próprio à distância dos materiais que compõem os objetos, e isto, os torna, invisíveis. Contudo, Ingold (2012), ressalta que a ocupação de um meio repleto de objetos, para as pessoas, esses produtos parecem trancados em si mesmo, diante de sua materialidade.

De forma complementar, a obra de Cristina Freire “Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo” (1997), aborda o objeto enquanto materialidade na narrativa das cidades contemporâneas, por sua vez, “revelam mentalidades, valores simbólicos, históricos, temporais, técnicas e os materiais da construção” Freire (1997, p.118). Assim, o objeto arquitetônico transcende a concepção do tempo, em que se molda diante das novas realidades para ganhar visibilidade. No entanto, a autora questiona como as pessoas fazem para reaprender a ver as coisas. Diante desta perspectiva, ressalta uma certa dificuldade de apropriar-se aos objetos culturais que estão em um desenraizamento.

Para Freire (1997), essas transformações no consumo da cultura material junto a globalização, se adentra no contexto de uma “cidade subjetiva fragmentada, cujas imagens objetuais significativas desaparecem e as novas referências devem ser reinventadas a cada dia” Freire (1997, p. 204). A partir de um processo lento, onde as coisas revelam seus sentidos imersos no tempo, como preservação, envelhecimento e permanência. Segundo Guattari (1992), a cidade subjetiva, carrega a função de matriz e atua com vínculo na relação entre os objetos e o público em seu entorno.

Nesse contexto, pode-se refletir como as mudanças na sociedade contemporânea proporcionam através da modernidade novas formas de consumo cultural e um maior acesso à diversidade. Além de, consolidar a alienação e homogeneização dos objetos culturais, que se misturam à paisagem urbana e oscila entre o objeto arquitetônico e as representações simbólicas, que promove uma possibilidade do desencontro. Assim, um aspecto central que Freire (1997) defende são as concepções da modernidade, diante da prática do equilíbrio na democratização do acesso à preservação da memória cultural.

Nesse cenário abordado pelas diferentes abordagens dos três autores principais deste tópico, conclui-se que a materialidade dos objetos, transcende o valor de troca e adquire significados como memória, identidade e afeto. No entanto, os efeitos da modernidade podem interferir na maneira que as pessoas se apropriam dos objetos, através do desenraizamento das referências culturais nos produtos. Isso abre espaço para reflexões



sobre a preservação e acesso à cultura material entre o passado e o presente no contexto urbano moderno.

3. A materialidade no espaço museológico

Pode-se considerar o ambiente museológico como um espaço rico de possibilidades, salvaguardando a memória de uma cidade, de etnias, de um país, de objetos ou de um indivíduo em específico, através da materialidade, que permitem aos visitantes viajarem no tempo e conhecerem suas origens e o contexto social em que estão inseridos. Diante disso, os museus exercem um papel fundamental na preservação enquanto cultura material dos objetos, a memória transcende em seus significados com poder simbólico, como afirma Bourdieu (1989), os museus proporcionam a escolha de determinados tipos de memória, que são expostos nos artefatos e revividos pelos seus visitantes.

A partir disso, pensar no museu enquanto espaços de memória viva em sua materialização, oportuniza uma compreensão sobre a evolução como um lugar dinâmico, ao articular a relação com a interação entre o público e o acervo que conectam o passado ao presente, e moldam os significados que neles circulam. Assim, ocorre uma ressignificação social do espaço, onde o objeto se baseia nos seus processos de transformações, que segundo Benchetrit (2003), abre espaço para construção dos significados a partir da conservação da cultura material.

Para Stallybrass (2008), o museu não é visto apenas como um repositório de objetos, e sim um ambiente que carrega uma materialidade entrelaçada à história de diferentes épocas, ao desencadear uma construção perceptiva dos materiais. Nesse contexto, o tempo possui um impacto na ordem de sucessão das coisas, onde muitas narrativas abordam o tempo de forma reversível, ou seja, revive o passado e o presente ao mesmo momento, a partir dos objetos inseridos nas exposições museológicas, tornando-os criadores de novas histórias.

Dessa forma, o museu torna-se um espaço vivo da materialização, no reflexo da sociedade contemporânea que a cria e o frequenta de interações entre os visitantes e o espaço, ao permitir um diálogo constante entre o que foi e o que é, a partir da criação de uma linha contínua e transformadora do seu acervo, de forma a sintetizar sobre as práticas culturais, experiências e percepção. Conforme Bakhtin (2009), toda imagem artística simbólica que um objeto transmite, pode-se considerar um produto ideológico que proporciona reflexões sobre a nova realidade, sem perder a essência da verdadeira materialidade.

Contudo, como afirma Cury (2005), o produto museológico é composto por formas, materiais, cores, tamanhos e estrutura, onde, essa composição dá lugar para os significados e símbolos. Nesse contexto, os objetos quando em exposições museológicas, segundo Ramos (2008), passam pelo processo de transformação contínua da sua identidade original, se apropriam de novos valores e significados. Nessa linha de pensamento Chagas (2009), afirma que as exposições não são realizadas apenas por um conjunto de aglomeração de objetos distintos, há sempre uma ideologia, que podem construir distintas narrativas de significados que representam a memória e a identidade do campo social. Por sua vez, o museu transmite além de um legado imutável, um legado que consegue constantemente se reinterpretar, transformar e preservar os objetos de forma contínua, à medida que novas gerações de público surgem diante de sua materialidade.

Contudo, ao refletir sobre a dinâmica dos museus e a constante ressignificação da materialidade do seu acervo no âmbito da modernidade, pode-se encontrar no Design um meio de contribuição para preservação da cultura material de forma sustentável, ao adaptar os objetos para as novas necessidades na sociedade contemporânea. O Design sustentável proporciona a preservação, ao mesmo tempo que enriquece as experiências sensoriais e cognitivas na relação do público com o objeto.

Nesse contexto, a modernidade, sob o viés do Design sustentável, atua equilibrando a tradição e inovação da cultura material, uma vez que os objetos permanecem vivos carregando seus significados nas circunstâncias do presente. Alguns objetos originalmente concebidos como produtos comerciais, como a garrafa da coca cola presente em exposições sobre design, cultura de consumo e história industrial no Museu de Arte Moderna em Nova York, transcendem novos significados, mas continua atuando como símbolo de uma era, diante da representação do design industrial no século XX. No Brasil, pode-se destacar a Poltrona Mole, de Sérgio Rodrigues, que atualmente se encontra no acervo do Museu da Casa Brasileira, expressando os valores da cultura brasileira no design.

A partir desses dois objetos citados anteriormente observa-se que um produto ao se instalar no espaço museológico, transcende sua função de uso e torna elemento de leitura histórica, estética e social. Portanto, essa transição do utilitário ao simbólico reforça o papel do museu como espaço de reinterpretação, em que o design e a cultura material dialogam de forma dinâmica com o tempo, o público e o contexto urbano.

4. A modernidade sob viés do Design para sustentabilidade da cultura material

O surgimento da modernidade atrelado ao período histórico que abrangeu a era cultural, se estendeu entre o final do século XVIII até o século XX, e caracterizou-se pela aceleração dos fluxos de informação e surgimento de novas formas de produção cultural, muitas vezes ligado ao mercado e à lógica capitalista. Segundo Costa (2020), essa época reflete uma “nova consciência do sentido histórico, da nova representação da temporalidade histórica política e, com ela, o mundo se fragmentou em valores distintos” Costa (2020, p. 24). Assim, compreende-se que esse tempo emergiu de forma profunda, fatores de como o mundo é visto, através das mudanças significativas. Para Cordeiro (2023), o século XX foi considerado o ponto principal dessa era, com a presença de cenários repletos de transformações e tecnologias.

Quando se trata de tecnologias, o Design entra em ação, por ser um eixo temático amplo, a partir das práticas criativas. No entanto, possui diversas definições, com isso, o Design abarca nesse ensaio a partir das relações interculturais, segundo Cardoso (1998), define o Design nessa perspectiva como um campo que atua sobre a execução dos processos nos objetos, enchendo-os de significados distintos e valores simbólicos, com o intuito de humanizar os artefatos materiais e incluí-los na sociedade. Para Lobach (2001), essa conceituação se aproxima do simbolismo, que transmite sensações e experiências a partir do uso dos objetos ao conectar com elementos pessoais, culturais, históricos e políticos.

Essa abordagem do Design com relação aos objetos atribuindo valores, segundo Rocher (1989), mantém a maneira de “ser ou de agir de uma pessoa ou coletivo, ao reconhecer como ideal, fazendo com que as condutas aos quais é atribuído sejam desejáveis ou estimáveis” Rocher (1989, p. 68). Ou seja, o autor apresenta o valor com uma dupla realidade, onde, impulsiona o estilo de vida, materializados nos objetos que se manifestam de formas

concretas ou simbólicas, variando conforme sua utilidade, estética e significado associado a uma determinada cultura.

A cultura no aspecto da modernidade, conforme White e Dillingham (2009), se tornou variável ao passar por transformações socioculturais, e a mercadoria ganhou um consumo em massa. Isso permitiu a influência da globalização, na circulação entre as fronteiras nacionais, o que promoveu o mercado global. Nesse contexto, a modernidade, por sua vez, na sociedade contemporânea começou uma constante fase de transformação, no processo de evolução, com desafios que foram impostos diariamente e os avanços tecnológicos desencadearam mudanças significativas no âmbito social.

Para White e Dillingham (2009), esses aspectos culturais são refletidos nas interações entre os indivíduos e seus padrões impostos, estabelecendo papéis sociais e as possibilidades na comunidade. Contudo, Freire (1997), ressalta que a massificação da cultura na modernidade ocupa um espaço de redefinição na relação da população com a materialidade. Assim, os museus precisam caminhar junto com essas novas funções, conforme Coelho (1997), o intuito desses novos aspectos é facilitar a absorção das obras pelos seus apreciadores, de forma que ocorra uma formação do público para prática efetiva das atividades, abrindo espaço para o surgimento de novas identidades culturais.

Seguindo a perspectiva de Freire (1997), os museus passam a ser lugares que compõem o imaginário e moldam a percepção coletiva da história preservada em seu acervo. Nisso, é necessário a construção de um caminho para a sustentabilidade, de forma a gerar uma reflexão sobre as possibilidades de mudanças nos valores dos objetos que compõem a cultura material. Como definição da sustentabilidade nesse parâmetro, Kazazian (2005), defende o conceito de 1987 da Comissão de Brundtland, como “um crescimento para todos, em que assegura a preservação dos recursos para as futuras gerações” Kazazian (2005, p. 26). Tal significado inclui o olhar sobre o uso dos objetos enquanto materialidade e planejamento sociocultural da sociedade.

Dessa forma, o papel do Design nesse processo, busca atuar de forma sustentável sobre práticas que assegurem a longevidade dos objetos, sem perder sua integridade histórica e cultural. Para Arbuckle (1994), reconhece esse meio como *compassionate design*, que ocorre a partir de três fases de participação, sendo elas, a ressimbolização, a regeneração e a reprojeção. Essas práticas favorecem a capacidade de recriar os valores e significados diante das necessidades da sociedade moderna, com novas formas de interpretações, de modo a respeitar as diversidades culturais. Isso, reafirma o sentido de o Design ser uma ponte entre o passado e o presente, na preservação da cultura material de maneira dinâmica e sustentável.

5. Resultados e discussões

Este ensaio teórico apresenta como resultado uma análise crítica das obras de Stallybrass, Ingold e Cristina Freire, sob o viés da materialidade cultural. De acordo com essa perspectiva, as modulações na estrutura física dos objetos reforçam sua memória, identidade e suas relações afetivas. Assim, foi possível compreender como os artefatos ganham novos significados e se transformam em mediadores entre o passado e o presente, na constante ressignificação simbólica no espaço museológico.

Nas perspectivas dos antropólogos, Stallybrass destacou os objetos pessoais como transcendentais do valor de uso e troca em sua materialidade, ao incorporar memórias e



significados simbólicos. Assim, percebeu-se que o pensamento de Stallybrass dialoga com as conceituações de Ingold, onde o autor se debruça sobre os objetos que compõem os ambientes como parte de um fluxo dinâmico, na perspectiva de uma fluidez da cultura material, enquanto emaranhados de coisas que se entrelaçam com as pessoas que moldam o ambiente. Já Freire aborda os objetos na cidade urbana contemporânea, imersos na modernidade que impõe novas formas de consumo e preservação da cultura material.

De maneira geral, a análise dos pensamentos desses antropólogos, evidenciou o museu como espaço de reflexão sobre a modernidade e seus impactos na cultura material. Por meio do design, é possível construir estratégias para gerar uma sustentabilidade cultural, ao abrir caminhos em que a materialidade possa ser trabalhada diante das novas formas de consumo, dialogando com as diferentes temporalidades presentes na experiência urbana.

Nesse contexto, o design sustentável entra como mediador entre tradição e inovação, para que o papel dos museus continue sendo fundamental na reconstrução de vínculos culturais e na valorização de identidades. Através da ressimbolização, e reprojeção dos objetos, para manter viva a cultura material, ao respeitar sua originalidade e seus significados, ao mesmo tempo, em que permite espaço para novas interpretações na contemporaneidade. Corroborando, com a concepção da preservação, além da conservação física dos objetos, mas de forma crítica, sensível e interdisciplinar.

6. Conclusão

Diante das reflexões teóricas apresentadas ao longo deste ensaio, torna-se evidente que a materialidade dos objetos culturais ultrapassa seu aspecto físico para tornar-se veículo de identidade cultural. Conforme explorada por Peter Stallybrass, Tim Ingold e Cristina Freire, bem como a ressignificação da cultura material no contexto museológico, os impactos da modernidade sob o viés do Design enquanto preservação da materialidade.

O estudo ao permear o contexto da materialidade no espaço museológico, os objetos são vistos como mediadores entre sua originalidade e os aspectos da modernidade, ao transcender narrativas que constroem a reinterpretação diante da sociedade contemporânea. O que permitiu adentrar-se no âmbito da modernidade, que por sua vez, impõem desafios na conservação dos objetos, abrindo espaço para perda dos significados culturais que os compõem. Assim, o Design emerge como um caminho na promoção de recursos sustentáveis para preservação da memória na cultura material.

Conclui-se, assim, este ensaio a partir das reflexões apresentadas a necessidade de um olhar emerso de forma sensível na materialidade dos objetos culturais, diante das multiplicidades de suas funções. Com isso, repensar a preservação e o acesso à cultura material, promove uma ponte entre os significados passados e as transformações do presente, na reinvenção da cultura material. Além de gerar novos conhecimentos no campo científico, e oportunizar o despertar de pesquisas no âmbito da memória material dos objetos.



Agradecimentos

O presente artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e do Programa de Pós-Graduado em Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Referências

- ARBUCLE, John Charles. **Compassionate design**. The Human Village Journal, Toronto, v. 1, n.1, p. 17-25, 1994.
- BAKTHIN, Michail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. Editora Brasiliense, 1985.
- BENCHETRIT, Sarah Fassa. A história representada: **por que refletir sobre o dilema dos museus**. Rio de Janeiro: Minc: MHN, 2003. p. 19-24.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Disponível em: Acesso em: 05 dez. 2024.
- CARDOSO, Rafael. **Design, Cultura Material e o Fetichismo dos Objetos**. Revista Arcos, Rio de Janeiro, v. 1, p. 14-39, 1998.
- CARLOS, Giovana Santana. **Que coisa é essa?: reflexões sobre a materialidade nos estudos sobre fãs e objetos**. Revista: Vozes e diálogos, Itajaí, v. 15, n. 01, 2016.
- COELHO, Maria da Conceição Pires. **Da origem dos Museus, do seu conteúdo, arquitetura e livre acesso**. Brotéria. Cultura e Informação. 1997.
- CORDEIRO, Diego Borges. **Controle, subjugação e produção mortífera: uma análise sobre o projeto de emancipação racional, da modernidade à pandemia da COVID 19** Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 14, n. 40, 2023.
- COSGROVE, Denis. **Place, landscape, and the dialectics of cultural geography**. The Canadian Geographer, n. 1, p.66-72, 1978.
- COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. **Onde estamos?** considerações sobre a modernidade, negacionismo, ciência e a covid-19. Boletim de Conjuntura (BOCA). vol. 3, n. 8, p. 24, 2020.
- CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.



CHAGAS, Mario de Souza. **A imaginação museal:** museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: MinC/Ibram, 2009.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas:** os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo. SESC: Annablume, 1997.

GIBSON, James. **The ecological approach to visual perception Boston:** Houghton Mifflin, p. 78, 1979.

GUATTARI, Félix. **Caosmose Um Novo Paradigma Estético** Rio de Janeiro: Ed.34, 1992, p.173.

ICOM, Associação Brasileira de Museus. **Instituto Brasileiro de Museus.** Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=4. Acesso em: 10 dez. 2024.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida:** emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

INGOLD, Tim. **Fazer antropologia, arqueologia, arte e arquitetura.** Ed. Vozes Ltda. 2022.

KAZAZIAN, Thierry. **Haverá a Idade das Coisas Leves:** design e desenvolvimento sustentável. São Paulo: Senac, p. 26, 2005.

LÖBACH, Bernd. **Design Industrial:** Bases para a configuração de produtos industriais. São Paulo: Edgar Blücher, 2001.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material.** Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, jul./dez. 2007.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx:** roupas, memória, dor. Tradução Tomaz Tadeu. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RABELO, Mirian Cristina Marcilio. **Cuidar do santo:** orientação prática e sensibilidade no traçado de relações entre pessoas e orixás”. Caxambu - MG. 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto:** O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2008.

ROCHER, Guy. **Sociologia geral:** A ação social, v. 1. Lisboa: Presença, p. 68, 1989.

WHITE, Leslie. DILLINGHAM, Beth. **O Conceito de cultura.** Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2009.